



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

O QUE O PSICANALISTA ESCUTA QUANDO SE FALA DE MORTE NO HOSPITAL?

Guilherme Franco Viléla¹; Marana Tamie Uehara de Souza²

Irmandade Santa Casa de Londrina. Programa de Residência Multiprofissional em Cuidados Intensivos e Urgência e Emergência – Psicologia

*ambos os autores fazem parte da mesma instituição

¹ quifvilela@gmail.com

² marana.uehara@gmail.com

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O psicanalista sempre ocupa um lugar diferente ao escutar o paciente, seja na clínica ou fora dela e, com evidência, no hospital. Não se trata de um local físico, mas de uma posição em que é autorizado a ouvir o paciente enquanto sujeito que deseja, e não como mero objeto (Moura, 2003, apud Machado & Chaterlard, 2014). Conforme Lacan (2006), essa posição exerce função não natural, e precisa ser construída, sem nunca ter conclusão. E é justamente desse lugar antinatural que o psicanalista pode contribuir com um olhar diferente, por vezes inusitado, acerca de qualquer motivo de sofrimento, inclusive sobre a morte. No hospital a experiência com a morte produz atravessamentos nos sujeitos que integram o ambiente hospitalar, sejam eles parte da equipe, pacientes ou familiares. Muitas vezes, a equipe hospitalar tende a velar o tema da morte, o que Freud (1996) traz como a tendência inegável de silenciá-la. Ao ponto que afirma estarmos convencidos, inconscientemente, de sermos imortais. **RELATO DE EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO:** A dificuldade de lidar com o (próprio) fim fica clara quando nos atentamos à equipe, a exemplo do profissional que se assusta, ao escutar um atendimento, em que um familiar fala da possibilidade de perder aquela criança. Se consideramos que quem fala é sempre o paciente, por que o



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

espanto diante do questionamento da finitude de alguém? Para além do sigilo aqui ferido, é preciso considerar a importância do tema, na medida em que parece produzir barra quando emerge. Especialmente quando o concreto se faz presente, como no caso de pacientes graves. Com Lacan, vemos que o Real é aquilo que “não cessa de não se escrever” e que por muitas vezes a palavra se torna insuficiente (Lacan, 1974-1975). O encontro com o Real da finitude produz angústia, pela ausência de nomeação. O que pode ser ilustrado na frequência com que os pacientes têm dificuldade em dizer a palavra “morte”. A psicanálise resgata o sujeito na cadeia significante, na medida que possibilita o retorno enquanto sujeito do inconsciente. Dessa forma, o vazio da morte pode produzir a demanda por dar significado à vida (Moretto, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Por se tratar de uma clínica do sujeito do desejo, é possível concluir que a psicanálise viabiliza um lugar de fala para a experiência da morte. Traz ao sujeito uma forma singular de expressão da finitude e, por isso, relevante no contexto hospitalar.

Palavras-chave: Psicanálise; Hospital; Morte.

Referências

- Freud, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. In: _____. *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago; 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14). p. 173-181.
- Lacan, Jacques. Lugar, origem e fim. In: _____. *Meu ensino*. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 09-67, 2006.
- Lacan, Jacques. *Le Séminaire, livre XXII: RSI, 1974-1975*. Disponível em: www.staferla.free.fr/5221522.htm.
- Machado, Máilia do Val & Chaterlard, Daniela Sheinkman. O lugar do psicanalista nos hospitais gerais: entre os dispositivos clínicos e os institucionais. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 187-202, ago. 2014. Disponível em



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692014000200002&lng=pt&nrm=iso

Acessado em 21 maio 2019.

Moretto, Maria Livia Tourinho. *O que pode um analista no hospital?* São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.